

## **JARDINS EDUCATIVOS E TERAPÊUTICOS COMO FATORES DE QUALIDADE DE VIDA URBANA**

**Norma Regina Truppel Constantino**

### **RESUMO**

Os jardins educativos e terapêuticos podem vir a desempenhar um papel ímpar para a qualidade de vida urbana e, portanto devem ser levados em conta no planejamento das cidades. Através da vivência e do estímulo aos sentidos, o jardim pode exercer uma função para além do aspecto lúdico, constituindo um microambiente que irá influenciar no bem estar dos usuários. O trabalho integra uma pesquisa mais ampla e os resultados obtidos foram provenientes de projetos de extensão à comunidade realizados em espaços livres de escolas, creches e núcleos de saúde na cidade de Bauru-SP, com a participação de alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo. Os jardins educativos buscam estimular a aprendizagem e a sociabilidade, além da introdução de questões ambientais no cotidiano. Os jardins terapêuticos em hospitais, clínicas e núcleos de saúde são essenciais para contribuir com o bem estar dos pacientes, acompanhantes e funcionários.

### **1 INTRODUÇÃO**

Nossas cidades estão cada vez mais carentes de áreas públicas onde as crianças possam estabelecer relações mais naturais e criativas com o meio e com as outras crianças, que levem em conta as suas necessidades do imaginário e da experiência sensorial. O espaço lúdico possibilita o brincar com um alto nível de interatividade, onde os próprios objetos e equipamentos suscitam na criança um forte interesse em serem tocados, manipulados, escalados ou percorridos, convidando a um jogo de relação. É o ato de brincar que revela o conteúdo do brinquedo.

O lúdico explora a motricidade, a imaginação, a descontração e cria situações indutoras de emoção, permitindo que a criança use seus movimentos, os cinco sentidos e a intuição para usufruir a liberdade de escolha para brincar, constituindo-se um desafio na hora de projetar os espaços livres. Para tanto, pesquisaram-se materiais e processos educativos junto à natureza através da estimulação de sentidos e da introdução de questões ambientais no cotidiano. Também os jardins terapêuticos, em hospitais, clínicas e núcleos de saúde são essenciais para contribuir com o bem estar dos pacientes, acompanhantes e funcionários, levando-se em conta que os jardins não são propostos como um modelo alternativo de terapia – eles não curam. E são de grande importância para a saúde como também para a doença, estimulando a sociabilidade, promovendo oportunidades de relaxamento e contemplação e encorajando o corpo e a mente a restaurarem-se, permitindo aos seus ocupantes um local onde experimentem uma sensação de bem estar (Constantino 2004, p.56).

O trabalho integra uma pesquisa mais ampla – “Novas funções do paisagismo: jardins terapêuticos e jardins educativos” - e os resultados obtidos foram provenientes de projetos de extensão à comunidade, realizados em escolas, creches, núcleos de saúde e espaços livres públicos na cidade de Bauru-SP, com a participação de alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo. Além de ser um tema atual e instigante, um novo campo que se abre ao arquiteto que trabalha com a paisagem, foi constatada uma grande dificuldade em se obter material de pesquisa em publicações nacionais. Os espaços livres em creches, escolas e serviços de saúde não podem ser pensados apenas como sobras de áreas construídas, mas sim como elementos essenciais para a qualidade de vida urbana, oferecendo condições para experiências que visem o bem estar de seus usuários (Constantino, 2002).

### **1.1 Métodos**

O trabalho com os jardins terapêuticos e espaços livres em escolas e creches da cidade de Bauru teve início em 2001 com a pesquisa trienal “Novas funções do paisagismo: jardins terapêuticos e jardins educativos”, desenvolvida na FAAC-UNESP-Bauru. A partir do referencial teórico buscou-se colocar em prática, através de projetos de extensão à comunidade, envolvendo alunos do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Os locais de intervenção foram escolhidos conforme as necessidades elencadas pelas secretarias municipais da Prefeitura Municipal de Bauru: Planejamento, Educação e Saúde. Alguns projetos desenvolvidos pelos alunos são mostrados nas figuras 1 a 8.

O projeto paisagístico de jardins terapêuticos e de jardins educativos compreendeu as seguintes fases: diagnóstico e análise da área de intervenção, incluindo a identificação de problemas, potencialidades e novas necessidades dos espaços livres; a partir dos dados colhidos em campo, discussão com a comunidade envolvida a respeito das possibilidades de resolução dos problemas, com a elaboração de pequenos ante-projetos; elaboração de um anteprojeto paisagístico a partir dos dados e problemas apresentados e discutidos; e complementação do projeto paisagístico com o detalhamento de equipamentos, paginação de pisos, espécies vegetais elencadas (mantendo-se a vegetação existente e partir da disponibilidade no Viveiro Municipal), além da confecção de uma maquete para uma melhor compreensão das medidas adotadas.

## **2 JARDINS EDUCATIVOS**

Pode-se definir o espaço lúdico como aquele em que é possível brincar com um alto nível de interatividade, conforme Garcia (1996, p.29). Um espaço em que os objetos e as instalações os brinquedos – já de início, suscitam na criança um forte interesse em serem tocados, manipulados, escalados ou percorridos, ou seja, um espaço em que a criança é convidada a jogar, a participar de um jogo de relação. Um jogo que evidentemente ainda não existe, não está desenhado nem estabelecido, mas que a criança percebe como possível. Como jogo, ele não apresenta muita explicitude, ora se escondendo, ora se dissimulando, para que a curiosidade não se desfaça de imediato, para que a certeza não elimine a tentativa de experimentação e de interagir ludicamente com ele.

O desenvolvimento do jogar com regras se dá no fim da idade pré-escolar e se desenvolve na idade escolar. Da mesma forma que uma situação imaginária tem que conter regras de

comportamento, todo jogo com regras contém uma situação imaginária. Machado (2001, p.26) falando da importância do brincar e os materiais, diz que “o meio ambiente facilitador e propício é aquele que permite à criança ser criança, usando seu corpo, seus movimentos, seus cinco sentidos, sua intuição para usufruir a liberdade de escolha para brincar.” Além de estar explorando o mundo ao seu redor está também comunicando sentimentos, idéias, fantasias, “intercambiando o real e o imaginário no mesmo espaço”, o espaço do brincar e das atividades culturais. Portanto, o lúdico explora a motricidade, a imaginação e a descontração e cria situações indutoras de emoção.

A criança muito antes de verbalizar, percebe o espaço que a rodeia. É a partir desta percepção que a criança vai organizando o espaço para então se orientar e futuramente abstrair espacialmente. O desenvolvimento da orientação espacial está intimamente ligado ao desenvolvimento motor e do esquema corporal. Esta se faz a medida que a criança pode se movimentar mais livremente. O espaço se estrutura a princípio em referência ao próprio corpo e se organiza através dos dados proporcionados pelo esquema corporal e pela experiência pessoal, conforme Guiselini (1982, p.32).

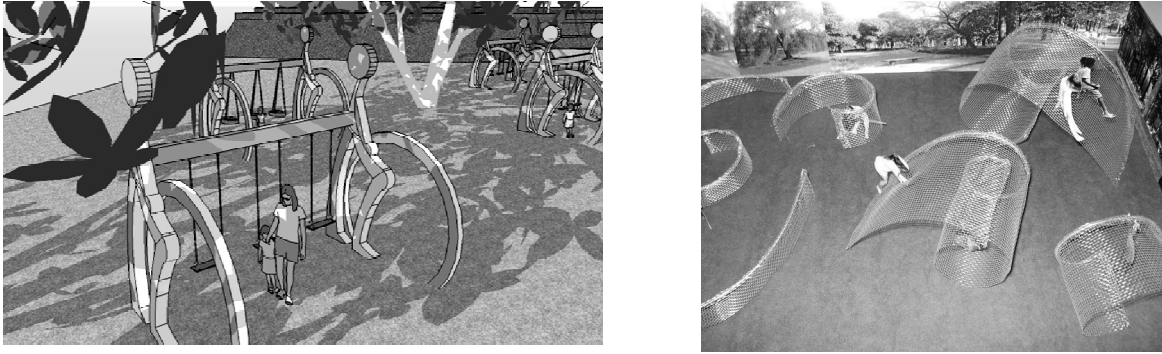
## 2.1 O Brinquedo

É fundamental compreender que o conteúdo do brinquedo não determina a brincadeira da criança. Ao contrário: o ato de brincar (jogar, participar) é que revela o conteúdo do brinquedo, conforme Almeida (1998, p.36). A criança, ao puxar alguma coisa, torna-se cavalo; ao brincar com areia, torna-se padeiro; ao esconder-se, torna-se um policial. Nada é mais adequado à criança que associar em suas construções os materiais mais heterogêneos: pedras, bolinhas, folhas, papéis, madeira; todos eles têm muito significado para ela. Um simples pedacinho de madeira ou uma pilha de pedrinhas, reúne uma exuberância das mais diversas figuras. Para uma criança, quanto mais atraente ou sofisticado for o brinquedo, mais distante estará de seu valor como instrumento de “brincar” – quanto mais aperfeiçoados, à semelhança do real, tanto mais se desviam da brincadeira viva.

O brinquedo faz parte da vida da criança. Simboliza a relação pensamento-ação e, sob esse ponto, constitui provavelmente a matriz de toda a atividade lingüística, ao tornar possível o uso da fala, do pensamento e da imaginação.

Para Benevento (1995, p.128), é através do brinquedo que a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto. No brinquedo, a criança faz o que mais gosta de fazer (porque o brinquedo está unido ao prazer) e, ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva, constitui o caminho do prazer no brinquedo.

Na idade escolar o brinquedo não desaparece, mas permeia a atitude em relação à realidade, tendo sua continuação interior na instrução escolar e no trabalho, que é baseado em regras e feito com obrigatoriedade. A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre situações do pensamento e situações reais. Um exemplo é apresentado na Figura 1.



**Figura 1 – Brinquedos desenvolvidos pelas alunas Fernanda Legati e Graciane Duarte na disciplina Projetos Paisagísticos, ministrada pela autora em 2006 e 2007.**

## 2.2 Playgrounds – Os Parquinhos Infantis

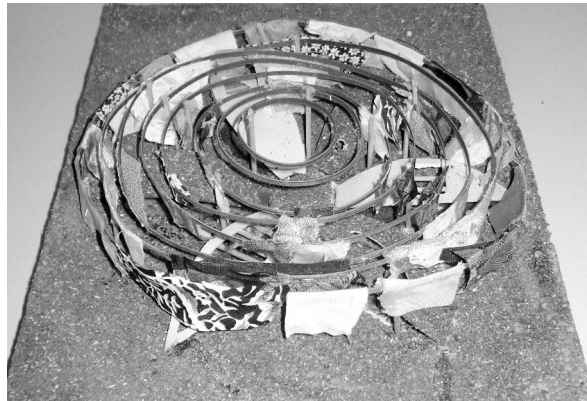
Os projetos dos espaços lúdicos e os equipamentos de brincar têm evoluído bastante. Surgido no final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos como uma nova tipologia de equipamento recreativo, sob a influência do Movimento dos Parques Americanos e do surgimento da pedagogia e da psicologia moderna (franco-germânica) e a importância do lúdico. O termo *playground* surge em 1868, inicialmente relacionado com os primeiros recreios escolares americanos. Depois irá consolidar-se nos espaços públicos de Chicago (1876) e Boston (onde é implantada a primeira caixa de areia em 1885), sob a influência dos *kindergaerten* alemães.

A idéia de incorporar brinquedos aos playgrounds foi levada aos Estados Unidos em 1885, pela médica americana Marie Zakrewska, do modelo de Parque Infantil criado pelo alemão Emil Hartwight. A partir de então, os projetos de espaços lúdicos e equipamentos de brincar têm evoluído bastante, mas nos espaços públicos atuais falta um convite à brincadeira, à fantasia e à participação coletiva. As praças e os parques, na sua maioria, não possuem identidade própria. Os brinquedos apresentam formas rígidas e estereotipadas que não estimulam a curiosidade e a imaginação infantil.

Em São Paulo-BR, Nicanor Miranda publica, em 1937, a “Origem e Propagação dos Parques Infantis e Parques de Jogos”. Os Parques Infantis surgem em São Paulo nos anos 30, a partir da visão social de Mario de Andrade, exibindo uma grande variedade de aparelhos recreativos: balanços, gangorras, passo-gigante, carrossel, deslizadores e “taboleiros de areia” (Niemeyer, 2001, p.112). Ao seu lado, equipamentos voltados à prática da educação física: pórtico com cordas, barras paralelas, trapézios, mastros, relacionados aos objetivos higiênicos. Nos anos 50, o playground passa a incorporar objetivos meramente lúdicos.

Para Almeida (1997, pp 124-143), brincar significa suspender as fronteiras que individualizam e compartimentalizam grupos, categorias e pessoas. Para o projeto do Parque da Criança em Santo Amaro – SP foi apresentada uma proposta de espaço para brincar multi-sensorial e de usos polivalentes, ao contrário dos espaços despersonalizados e fisioterápicos do parquinho tradicional. Os múltiplos materiais (sucatas de troncos de árvores que caíram, postes de iluminação urbana tombados, pneus, etc.) são devolvidos ao meio ambiente, de maneira

prática e utilitária, sob a forma de uma escultura lúdica, ou seja, um brinquedo que também é arte. De outra forma, eles estariam amontoados nos lixões da cidade. Um exemplo de reaproveitamento de materiais é apresentado na Figura 2.



**Figura 2 – Jardim dos Ventos desenvolvido pela aluna Daniele Aquino na disciplina Projetos Paisagísticos, ministrada pela autora, em 2009.**

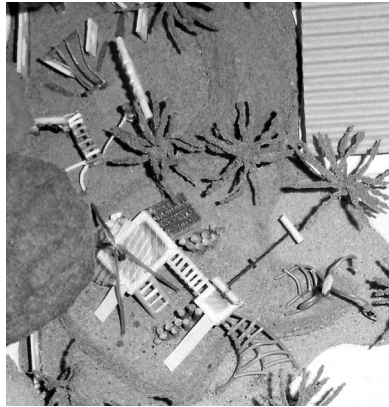
### 2.3 Recomendações Projetuais

Entre as recomendações para o projeto de um espaço lúdico, pode-se destacar:

- i. Idade e quantidade de crianças: é importante criar diversas áreas separadas para o uso simultâneo de diferentes grupos de crianças, ou então oferecer apenas um amplo espaço, com áreas diferenciadas, acessíveis aos grupos.
- ii. Respeitar a escala da criança: quando se projeta para crianças, deve-se dar uma atenção especial à sua escala, quando anda, corre, sobe, ou senta-se nos espaços livres. Todos os equipamentos devem ser facilmente visualizados por elas. Até mesmo o tipo e a escala da vegetação escolhida. O uso da vegetação no pátio escolar foi explorado por Fedrizzi (1999, pp 13-17).
- iii. Oferecer uma variedade de opções possibilitando a oportunidade de escolha: o equipamento deve estar aberto a uma variedade de interpretações e incluir uma diversidade de desafios, evitando ser muito vago ou apenas escultural. Uma criança deve, ao mesmo tempo, brincar **com** um equipamento e ao seu redor. A porcentagem de oportunidades de brincar deve ser de 2:1, conforme Francis (1990, p.224). Portanto, uma variedade de atividades não está relacionada à quantidade de equipamentos. Para isto a criança deve ser capaz de mudar, de usar um equipamento de mais de uma maneira, justapondo e manipulando materiais. Um exemplo é apresentado na Figura 3.
- iv. Estimulação sensorial: os ambientes ao ar livre provocam naturalmente uma estimulação sensorial. O desafio é aumentar e realçar estes estímulos, através do uso das cores, texturas, formas de objetos, e o layout dos espaços externos. Um jardim fornece elementos para tocar e cheirar, ou frutas e legumes para ver, tocar, cheirar e provar. Segundo Assmann (1998, p.38), nossos órgãos sensoriais são, acima de tudo, criadores de conexões com o meio ambiente; os sentidos não são “janelas do conhecimento”, mas devem ser comparados com instrumentos para testar hipóteses. É recomendado que os alunos utilizem sempre dois ou mais sentidos simultaneamente: ver e cheirar, ver e ouvir, ver e tatear, para os estudos em que é preciso memorizar mediante o uso dos sentidos.



v. Manipulação: as crianças usam de maior criatividade ao manipular materiais que tenham um valor “de brincar” mais latente - como a areia, árvores ou barro – do que com aqueles equipamentos com um papel definido, como os balanços e escorregadores. De fato, as crianças utilizam os objetos que estão em seu ambiente de maneiras variadas e com diferentes finalidades. Conforme Okamoto (1996, p.104), o contato tátil é dez vezes mais forte do que o contato verbal ou emocional e afeta quase tudo que fazemos. O espaço tátil é percebido pelo corpo todo, e só dessa maneira é possível ter a noção de tridimensionalidade, que é a base da experiência arquitetônica e da orientação.



**Figura 3 – Playground em escola infantil em Bauru-SP, desenvolvido pela aluna Viviane Kiritani na disciplina Projetos Paisagísticos, ministrada pela autora, em 2005.**

É importante salientar que, em agosto de 1999 a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT publicou a Coletânea de Normas de Segurança em Playgrounds – NBR14350-1, tratando das dimensões, recomendações e dos requisitos mínimos necessários para a segurança dos usuários dos equipamentos, além dos materiais indicados para recobrir as superfícies absorventes de impactos e áreas de circulação.

### **3 JARDINS TERAPÊUTICOS**

O jardim terapêutico é uma das variedades de jardim que os homens vêm desenvolvendo desde a descoberta da agricultura há 10.000 anos atrás. A luz solar, o luar, as plantas e a água dos jardins sempre causaram sensações psicológicas significativas nos seres humanos. Cada sentimento pessoal, entretanto, está sempre sendo modificado, pelo contexto do jardim e pelo significado que a cultura corrente impõe à experiência do visitante. Um jardim pode significar um retiro familiar ou oferecer um cenário para acontecimentos sociais ou ainda, servir como um elo religioso entre o usuário e uma entidade. Em alguns lugares e tempos remotos, os jardins tiveram fortemente ligados a experiências emocionais intensas e foram empregados como uma forma de terapia: como lugares de aliviar a dor ou para assistir às pessoas com dificuldades de orientação e equilíbrio, podendo ser rotulados como terapêuticos.

O objetivo dos jardins terapêuticos é o de permitir aos seus ocupantes um local onde experimentem uma sensação de bem estar. E são de grande importância para a saúde como também para a doença, estimulando a sociabilidade, promovendo oportunidades de relaxamento e contemplação e encorajando o corpo e a mente a restaurarem-se. Os jardins

terapêuticos, como um reflexo da emoção individual, formação cultural e suporte social, originaram-se na Pérsia, no Egito e no Oriente, onde sua existência vem desde o nascimento da história. Os primeiros jardins apareceram na Europa durante a Idade Média, e suas formas foram sendo alteradas até a metade do século XVIII. Na época atual, outros significados foram sendo adotados em programas de reabilitação, no tratamento do câncer e da AIDs, nas enfermarias e nos hospitais para tratamento mental.

A arte e a ciência da medicina tiveram um grande progresso e cada vez mais é importante a integração entre os espaços internos e externos. Mas os hospitais e clínicas fecharam-se em ambientes climatizados por ar-condicionado, iluminação artificial, e seus vários andares são interligados por elevadores, de maneira semelhante aos grandes edifícios de escritórios.

Os jardins terapêuticos não são propostos como um modelo alternativo de terapia – eles não curam. Mas os jardins dos hospitais são essenciais para contribuir com o bem estar dos pacientes, auxiliando a medicina terapêutica. A pesquisa de Roger Ulrich, citada por Gerlach-Spriggs *et al.* (1998, p.35), demonstra que a interação dos convalescentes com o mundo natural, pela observação de um jardim através de uma janela, tem estatisticamente grande importância na rapidez de sua cura e no menor uso de analgésicos, reduzindo a depressão que acompanha os casos de prolongada estadia nos leitos hospitalares.



**Figura 4 – Jardim Terapêutico no Hospital de Reabilitação de Anomalias Cranofaciais, Bauru-SP, desenvolvido pelo aluno Renato Sordi, na disciplina Projetos Paisagísticos ministrada pela autora, em 2006.**

Kaplan & Kaplan (1999, p.243) considera a natureza como provedora de coerência, legibilidade, complexidade e mistério, pois um bom jardim possui todos os elementos que atraem nosso interesse: “coerência, como nossa habilidade de tirar sentido e compreender a paisagem; complexidade, a riqueza do cenário; legibilidade, nossa habilidade para ler, compreender e decifrar o jardim (em essência, interpretar a complexidade com coerência); e mistério”, a promessa de algo a mais a ser descoberto, como pode ser observado no exemplo da Figura 4.

### 3.1 Recomendações De Projeto

Destacamos algumas características essenciais dos jardins terapêuticos, baseadas em estudos de caso e na pesquisa desenvolvida por Francis & Paine (1990, pp 272-280):

i. **Visibilidade:** quando uma pessoa entra no edifício hospitalar, ou se move através de suas circulações, é importante que seja capaz de ver o jardim, o pátio interno ou uma área natural que tenha potencial em ser utilizada.. Uma sugestão é a instalação de mapas no hall de entrada ou no elevador, indicando o jardim, bem como a sua proximidade com a lanchonete.

ii. **Segurança:** é essencial que o corpo clínico, os pacientes e os visitantes sintam-se seguros no jardim, mas que não se sintam fechados ou vigiados. Os hospitais infantis devem oferecer a oportunidade de brincar nos espaços livres. As áreas de brincar nos hospitais devem ser semelhantes àquelas destinadas às crianças saudáveis, só que com um cuidado maior em relação à acessibilidade de deficientes físicos, ou crianças com gesso, como pode ser observado na Figura 5.

iii. **Características de Familiaridade:** as pessoas nos ambientes hospitalares estão estressadas pelo trabalho ou pela doença, portanto necessitam ter acesso a locais calmos e com elementos familiares.



**Figura 5 – Jardim terapêutico desenvolvido pela aluna Adriana Lopes, para Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Bauru-SP, na disciplina Projetos Paisagísticos ministrada pela autora, em 2005.**

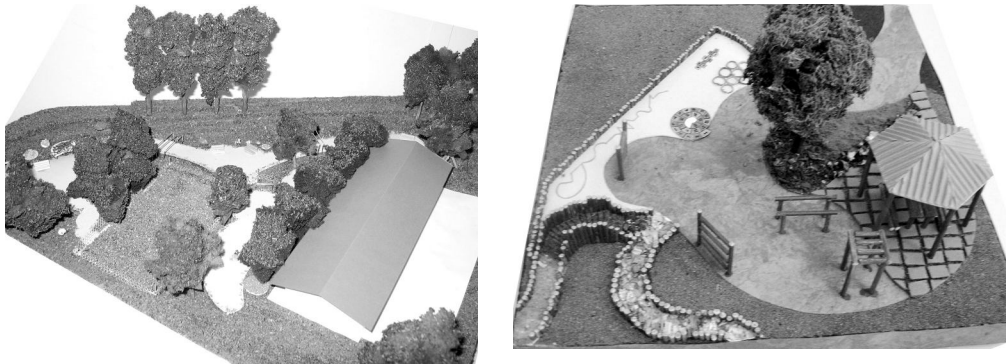
iv. **Oportunidades de fazer escolhas:** o estresse provoca descontrole e tem efeitos negativos no sistema imunológico e na satisfação profissional do corpo clínico. Portanto, a facilidade de acesso é fundamental, bem como locais com alguma privacidade, com diferentes vistas ou bancos para sentar ao sol ou à sombra.

v. **Oportunidades para contato social:** o simples fato de encontrar pessoas com problemas em comum e partilhar de suas preocupações e esperanças, reduz o estresse e aumenta o bem estar dos pacientes e visitantes, principalmente se o ambiente é agradável e aconchegante. Há três tipos de usuários: os pacientes, os visitantes e os funcionários do hospital, composto de corpo clínico e atendentes, cada grupo com suas necessidades e padrões de uso.

vi. **Contato com a natureza:** as pesquisas demonstram que a visão e o contato com a natureza resultam em benefícios terapêuticos. Os jardins devem incluir uma variedade de espécies que floresçam nas diferentes estações, plantas ou árvores que atraiam borboletas e beija-flores, folhas que se movam com a brisa, elementos que possibilitem a visão e o som da água escorrendo, e até mesmo a visão do céu, permitindo a observação das nuvens se movendo. Os canteiros para a prática da jardinagem devem ser implantados em alturas



apropriadas, para também ser utilizado por portadores de equipamentos, como cadeiras de roda, conforme exemplo da Figura 6.



**Figura 6 – Jardim terapêutico desenvolvido pela aluna Giovana Brusantin em 2007, para o Núcleo de Saúde Santa Edwirges, Bauru-SP e maquete do jardim terapêutico na Vila Vicentina (idosos), elaborada por Marcela Braga em 2006, na disciplina Projetos Paisagísticos, ministrada pela autora.**

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Pesquisa Aplicada: Projeto Crescer

O Projeto Crescer é uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Bauru com o Grupo Amor e Caridade, e atende a crianças carentes de 04 a 14 anos que permanecem por um período do dia na instituição. A instituição localiza-se em terreno doado pela Prefeitura ao lado do Condomínio Tivolli II, onde foi realizado o projeto paisagístico em 2008. Nas primeiras visitas ao local, a direção expôs o desejo de um projeto que valorizasse a área externa e criasse espaços para aulas e brincadeiras ao ar livre. Após muitas visitas e sempre priorizando a vontade dos diretores, professores e funcionários além dos conhecimentos adquiridos sobre espaços livres nas escolas, foram apresentadas algumas sugestões projetuais, chegando-se ao projeto paisagístico final, entregue em planta e em maquete para facilitar seu entendimento, como pode ser observado na Figura 7.

O jardim dos sentidos tem a importância de aproximação com a realidade pois, ao cuidar das plantas e passear no jardim brincando, possibilita a relação com o tempo, com cores e odores diversos. Neste espaço tanto a criança quanto o adulto são estimulados a uma busca constante de novas interações através da diversidade, da constante renovação e multi-sensorialidade oferecida neste ambiente, estimulando seu desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Entre os indicativos de projeto, deu-se especial atenção à acessibilidade, pois é fundamental a compreensão das restrições ou limitações sofridas por diferentes usuários (crianças, idosos, deficientes) no uso destes espaços. Como, por exemplo, uma criança que não consegue sentar-se em determinados bancos devido à altura inadequada do assento em relação à sua estatura. Neste caso não há deficiência, mas sim uma restrição provocada pelo design do banco. As barreiras físicas podem ser exemplificadas em casos onde as circulações possuam pisos irregulares que impedem o deslocamento de uma cadeira de rodas ou de um carrinho de bebê;

e as barreiras informativas, quando há placas de sinalização cuja informação não é percebida por deficientes visuais, ou mesmo compreendida por crianças e analfabetos.



**Figura 7 – Maquete do jardim sensorial desenvolvido pela aluna Eliane Katayama Amaro para o Projeto Crescer, Bauru-SP, em 2008 no Projeto de Extensão Universitária, orientado pela autora.**

#### **4.2 Pesquisa Aplicada: EMEII Garibaldi**

Após consulta à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru-SP, averiguou-se que a Escola Municipal de Educação Infantil Integrada – EMEII Garibaldi, localizada no jardim Santana, em Bauru – SP, fora reinaugurada, havendo interesse na implantação do projeto de extensão universitária em 2009. Tendo como ponto de partida o levantamento bibliográfico sobre o tema, questionários aplicados aos funcionários, desenhos elaborados pelos alunos e a análise da edificação e de seu funcionamento, chegou-se a uma proposta de intervenção para as áreas livres como também alterações na edificação, depois de realizadas visitas técnicas à escola. Como metodologia para chegar a uma análise mais crítica do ambiente escolar, levou-se em consideração a opinião dos usuários do edifício - alunos e funcionários – sendo proposta uma atividade de desenho às crianças, evidenciando o que mais gostavam e o que menos gostavam na escola, além de desenhar como gostariam que fosse a escola. A turma selecionada para esta atividade apresentava uma faixa etária de 5 a 6 anos, num total de 17 crianças. Aos funcionários da instituição foi distribuído um questionário para que eles atribuíssem valores de acordo com as problemáticas abordadas. A proposta de intervenção foi apresentada aos usuários, discutindo os principais pontos a serem revistos.

O terreno da escola ocupa uma quadra completa, tendo em frente uma pequena praça. A vegetação de grande porte é suficiente para toda a área livre, no entanto foi necessário um tratamento paisagístico em escala mais reduzida, com o uso de gramíneas e arbustos de pequeno e médio porte. O uso de diferentes escalas foi importante não apenas na escolha da vegetação, mas também no emprego de diversos materiais, cores e espaços, como pode ser observado na Figura 8.

Os resultados apresentados no projeto incluem a reforma de pisos, jardins, proposição de um novo *layout* para o *playground* e propostas para uma melhor organização dos ambientes,

buscando dar ênfase à criação de uma identidade visual ao espaço, sem perder de vista a importância do ato criativo das crianças como parte do ambiente de aprendizagem. Além disso, buscou-se incentivar as atividades voltadas à sensibilização e conscientização das crianças quanto ao ambiente, estabelecendo conexões entre horticultura, paisagismo e educação ambiental, com a criação de uma pequena horta, que poderá ser abordada em aulas relacionadas à alimentação, aos sentidos, reciclagem, técnicas agrícolas e preservação do ambiente, valorizando “o fazer” dos alunos.



**Figura 8 – Projeto paisagístico da EMEII Garibaldi em Bauru-SP, desenvolvido por Rafael Sorrigotto no Projeto de Extensão Universitária, orientado pela autora em 2009.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, não há dados concretos para saber quais os elementos do projeto de um jardim de hospital que sejam realmente terapêuticos. Ou ainda, quais seriam os elementos apropriados para determinados grupos de pacientes, psiquiátricos ou infantis, por exemplo. Primeiramente devemos compreender a rotina diária de um hospital e as necessidades do corpo médico, dos atendentes e dos pacientes. O diálogo é essencial. Na maioria dos projetos o autor escolhe, determina ou imagina a melhor maneira de ajudar no bem estar dos pacientes. As pesquisas sobre o tema são importantes para a criação de um banco de dados sobre a eficiência do jardim como terapia.

Como as áreas públicas urbanas são carentes de Jardins Educativos onde as crianças possam estabelecer relações mais naturais e criativas com o meio e com as outras crianças, procuramos levar em conta nos projetos as necessidades do imaginário e da experiência sensorial. Antes de tudo, os Jardins Terapêuticos e Educativos não devem ser vistos como um novo mercado de trabalho para os arquitetos, mas sim como um desafio na área de projeto.

Na medida em que busca-se reforçar a importância do vínculo Universidade – Comunidade, através da aplicação de conhecimentos pesquisados, pretende-se alterar de forma positiva a paisagem urbana e a qualidade de vida dos cidadãos. Para tanto, é essencial a participação dos que realmente irão utilizar esses espaços depois de implementada a proposta projetual, com o intuito de realizar um projeto mais coerente com a real necessidade e compatível ao contexto sócio-econômico existente.

## REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas (1996) **Normas de Segurança de Brinquedos de Playground**, ABNT, São Paulo.

- Almeida, E. (1997) **Arte Lúdica**, Edusp, São Paulo.
- Almeida, P. N. (1998) **Educação Lúdica – Técnicas e Jogos pedagógicos**, Loyola, São Paulo.
- Assmann, H. (1998) **Reencantar a Educação – Rumo à sociedade aprendente**, Vozes, Petrópolis-RJ.
- Benevento, M. M. (1995) **Espaço de Relacionamento – a presença do lúdico nas atividades de recreação**, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Constantino, N.R.T. (2002) Uma experiência no ensino de paisagismo: espaços lúdicos nas escolas, **Anais do VI Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 11-13 Setembro 2002.
- Constantino, N.R.T. (2004) Novas funções do paisagismo: jardins terapêuticos, **Anais do VII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 9-11 Junho 2004.
- Francis, C. (1990) Day Care Outdoor Spaces, *in* Marcus, C. C. e Francis, C., **People Places – Design Guideline for Urban Open Space**, Van Nostrand Reinhold, New York, 215-262.
- Francis, C. e Paine, R. (1990) Hospital Outdoor Spaces, *in* Marcus, C. C. e Francis, C., **People Places – Design guidelines for Urban Open Space**, Van Nostrand Reinhold, New York, 263-280.
- Fedrizzi, B. (1999) **Paisagismo no Pátio Escolar**, UFRGS, Porto Alegre.
- Garcia, E. B. (1996) Ação cultural, espaços lúdicos e brinquedos interativos, *in* Miranda, D. S., **O Parque e a Arquitetura. Uma Proposta lúdica**, Papirus, Campinas, 15-32.
- Gerlach-Spriggs, N.; Kaufman, R. E. e Warner, S. B. (1998) **Restorative Gardens. The healing landscape**, Yale University, New Haven.
- Guiselini, M. A. (1982) **Educação Física na Pré-escola**, SEED/MEC, Rio de Janeiro.
- Kaplan, R.; Kaplan, S. (1999) The restorative experience, *in* Francis, M.; Hester, R. (eds.), **The Meaning of Gardens: Idea, Place and Action**, MIT Press, Cambridge, 238-243.
- Machado, M. M. (2001) **O Brinquedo-Sucata e a Criança**, Loyola, São Paulo.
- Niemeyer, C. A. C. (2002) **Parques Infantis de São Paulo**, Annablume, São Paulo.
- Okamoto, J. (1996) **Percepção Ambiental e Comportamento**, Plêiade, São Paulo.